



PARADOXOS DE HOJE

Retomo a página da Direcção para conversar um pouco. Em números anteriores, o Carlos Perdigão tem referido como vai a transformação da Acta Médica, os seus programas e obstáculos em ultrapassagem. Noutros números, o Lacerda Nobre sublinhou o primado do gesto médico na anamnese e na observação, sobre todos os exames complementares destes anos noventa, relegando-os para a posição correcta de subordinados.

Procurarei enumerar inquietações e dúvidas que, nesta fase do século e da minha experiência profissional, considero útil reunir num conjunto. Na certeza de que, em próximas oportunidades, abordá-las-ei meditadas isoladamente.

1 - Vivemos o momento dos contrastes. Na Política, na Sociedade, na Ciência, na Medicina.

A agregação objectivada para a força ditatorial do número impera e arrasa. São países que se reúnem em Comunidades, na tentação de gerar, para defesa dos seus elementos, o Hipermercado auto-suficiente e auto-alimentado - mas a correr o risco de evoluir, em fatalismo indesejado, para o Supra-País, castrador das *diferenças* e das *poesias* de cada um dos *comunados*.

Mas é também o reverso na luta entranhada da autonomia dos pequenos mundos, na procura generalizada das independências *locais*, a todo o transe e a qualquer preço de imolação da pessoa, dos grupos, das Sociedades. Não muito longe daqui, como exemplo, em zonas a olhar o Mediterrâneo.

É o paradoxo *aglutinar para sobreviver* coexistente com a *independência a qualquer preço*.

2 - Nas Sociedades, os contrastes repetem-se. A tolerância generalizada (*tudo vai sendo natural*) em simultâneo com a violência dos fundamentalismos (a impor, pela força, a regra exigida). Umas e outras, em nome da liberdade, da democracia, da eficácia, do êxito, da sobrevivência, dos direitos.

3 - Curiosamente, o mesmo fenómeno está presente na Ciência de hoje. Afirma-se e identifica-se a sua *Cidade, única*, a Torre de Marfim, onde toda a Inteligência, o Conhecimento e a Investigação estão sediados. Todos os gestos, todas as capacidades, todos os pressupostos, todas as expressões unificadas, catalogadas, hierarquizadas e até contabilizadas.

A Verdade Científica decorrente é o resultado do valor dos Centros avassalados e tem o fulgor e o reflexo condicionados pelos palcos onde são exibidos. Oralmente ou por escrito.

A *Verdade Científica* já não o é por si só. Resulta das condicionantes da *descoberta*. De preferência multicêntrica, multinacional, com números *júmbicos*, multi-raciais e etariamente dispersos, com grande significância e prolongando, de preferência, a longevidade.

Para não haver dúvidas, criaram-se quantificações das qualidades. Descobriu-se que o valor é, por exemplo, proporcional ao número de vezes referenciado por outros; e determinou-se a *semi-vida* da persistência da *verdade descoberta* nas referências.

E criaram-se também qualificações das quantidades. Hierarquizaram-se as Revistas, através de coeficientes de grandeza ou projecção. E até se começam a simplificar afirmações curriculares nos concursos e nas provas: o Sr. X vale 427 com tempo de semi-vida das suas investigações de *seis ponto três* - é muito melhor que o Sr. Y que somou 380, com semi-vida de *dois ponto um*...

E ficamos todos *cientificamente, objectivamente* tranquilos. Mas há o contraste. A dispersão dos Centros é cada vez maior e, como não é possível satisfazer todos, a tendência é, cada vez mais, em qualquer ponto do globo, todos serem incompletos. Como a competição é comandada nos temas *sob investigação* (os subsídios...), todos se ocupam dos mesmos. Criam-se os *lobbies*, formam-se as *mafias* para o progresso do grupo. Até através das referências em *circuito fechado*. A Ciência condicionada pelo *marketing* e pela competição. Como afinal no jogo. Futebol ou qualquer outro.

4. Nas revistas ligadas à Medicina o fenómeno é parecido. Procura-se cada vez mais o *órgão* prestigiado, de preferência internacional. Mas, cada vez mais, se multiplicam expressões das impressões de generalidades, até sub-especializadas, de pequenos grupos que tentam *viver* o seu *lugar* na Imprensa Médica. Aqui, em Portugal, como noutros países.

5. Mal ? Não essencialmente.

E aproveito para, afinal, expressar o meu sentimento. Creio que, quase tudo o que disse antes é justificado e até coerente, limitados os extremos de quem não tem *células cinzentas* para interpretar senão linearmente o que é tendência ou directriz, mas não lei.

São indispensáveis as quantificações, os números, as estatísticas, as análises de populações e a sua significância. São instrumento precioso - mas não único - de identificação da verdade em Biologia. Fizcram e vão fazer transformar conceitos e praxis.

Mas não caímos na escravatura uniformizante de só aceitar critérios e julgamentos assentes em números, ou na imbecilidade de identificar qualidade com estrangeirismo (particularmente anglo-americano).

No caso das revistas - para bem das nacionais. No caso do país, para não o fechar.

Voltarei à *conversa*.

A. SALES LUÍS